

Basta de planos cruzados

ROBERTO CAMPOS

"Como los budistas de los primeros siglos, que solo podrian representar al iluminado por sus atributos, nosotros conocemos al Estado solo por la inmensidad de sus devastaciones. Es el desencarnado: no una presencia sino una dominación. Es la impersona."

Octavio Paz

Três países na América do Sul lançaram, com pequeno intervalo, programas antiinflacionários: Argentina, Brasil e Bolívia. Desses, o mais pretencioso e menos exitoso foi o Brasil. Foi o único a vangloriar-se de sua "heterodoxia", a qual, no fundo, nada mais era que uma extravagante tentativa de revogar a lei da oferta e da procura. Esqueceram-se os autores do Plano Cruzado de que, como disse Mário Simonsen, toda a heterodoxia que deu certo já virou ortodoxia...

Os argentinos forma um pouco mais humildes. Propuseram-se apenas a controlar a hiperinflação, e não a reduzi-la. Até porque já tinham a experiência do "Plan de Inflación Cero", de Peron, de 1974, ao qual se seguiu, vários meses depois, a explosão inflacionária conhecida pelo nome de "El Rodrigazo". Com singular falta de originalidade, o Brasil edita em 1986 seu "Plano de Inflação Zero", o qual, como era fácil prever, resultou no "Funarazo", experiência à qual estamos sendo hoje submetidos in anima nobili.

As condições argentinas, quando da edição do Plano Austral, eram muito piores que as do Brasil no início do Plano Cruzado. Não havia reservas cambiais, nem dinamismo exportador, e a economia vinha de um longo período de "estagflação", resultado inevitável de periódicas recaídas no "populismo", essa tenaz praga latino-americana.

Quer em sua concepção, quer em sua execução técnica, o Plano Austral foi mais realista que o Plano Cruzado. Ao invés de nos beneficiarmos dos acertos e desacertos dos nossos vizinhos, passamos a cometer os erros que eles evitaram. Brigamos desnecessariamente com o FMI, confundindo medo de auditoria com defesa de soberania. (Hoje, aliás, o FMI é um clube de 151 nações, inclusive 12 países comunistas tão diversos como a China, o Vietnã e a Polônia, contra uma minoria de 21 países industrializados. Desapareceram as antigas certezas ortodoxas, e o FMI aceita qualquer programa que tenha remota aparência de racionalidade econômica...)

Ao contrário dos argentinos, não fizemos prévio realinhamento de preços e tarifas, desestimulamos a poupança por juros negativos e não desvalorizamos preventivamente a taxa cambial. Esta foi mantida fixa, mesmo quando já era visível a deterioração das exportações. Com periódicos reajustamentos de preços, os argentinos evitaram o desabastecimento, enquanto nós queimávamos divisas e assistíamos ao esva-

ziamento das prateleiras, perseguindo o sonho vão da "inflação zero".

Hoje, o Plano Cruzado é um defunto e o Plano Austral prossegue, ainda que cambaleante. A inflação é menos de metade da brasileira, e, longe de ser recessivo, o Plano Austral produziu expressiva recuperação industrial. A inflação, como no Brasil, está longe de ser curada, pois ambos os países falharam na tarefa básica de disciplinar os gastos públicos e emagrecer o Estado obeso. O "populismo" e o "super-Estado" são pragas tenazes neste infeliz continente.

O mais desprezível e simples dos planos — o boliviano — provou-se o mais bem-sucedido, num país de baixa taxa de governabilidade e imensa penúria de alternativas econômicas. Ao contrário do Brasil, onde se produziu um "choque de intervenção", os bolivianos foram expostos a um "choque de liberdade". E a inflação de mais de 8.000% ao ano paira hoje numa taxa anualizada de 55%, menos escandalosa que a do Brasil e Argentina. O "choque ortodoxo" do presidente Paz Estensoro foi liberar de quaisquer controle os preços e a taxa de câmbio, amarrando-se apenas as despesas do Estado e os salários do funcionalismo. Surpreendentemente, começa a haver retorno de capitais e uma modesta diversificação de exportações. Estensoro, contrariando seu passado populista, ousou enfrentar a Comibol, entidade estado-sindical, cujo custo de produção de estanho era mais do dobro do preço mundial. Isso é como se o presidente Sarney ousasse extinguir de repente o monopólio da Petrobrás, onde até hoje há mais ideólogos do que geólogos. Apesar de a presidência boliviana ser emprego de alta rotatividade, o programa de austeridade não desestabilizou o governo.

Assim, o choque "ortodoxo", num país pobre e considerado quase inviável, tem funcionado melhor que o choque "híbrido" da Argentina e o choque "heterodoxo" do Brasil. Estes dois países fizeram a coisa errada: engessaram o mercado e deturpam solto o Estado. A receita é outra: desamarrar o mercado e amarrar o Estado. Pois é este o fabricante da inflação.

A coisa de que o Brasil mais precisa é perder o medo da liberdade econômica. Voltar à economia de mercado é aliás a única saída para a crise pré-fabricada que vivemos. Recongelações e tabelamentos seletivos, que meramente transformam a revogação total da lei da oferta e da procura em revogação parcial, seriam recebidos com merecida gargalhada e logo o Cruzado III seria apelidado de "Plano Cruzado". Os empresários veriam aumentada sua perplexidade paralisante. O povo alternaria entre angústia resignada e angústia raiosa, dando-se conta cada vez mais de que muitos políticos se servem do povo sob o pretexto de lhe servir. "Haja saco", como diz o Fernando Pedreira...